
A REDESCOBERTA DA FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA *
Unidade e pluralidade no mundo
Ricardo Gonçalves **

É bastante difícil de falar em Filosofia para o mundo, do modo como ele se encontra envolto em uma mentalidade utilitarista. Diante da premência dos problemas que há para resolver e que pedem respostas imediatas, este nosso campo de conhecimento é considerado uma atividade improdutivo e sem importância. Neste contexto, tanto pior se torna falar em Filosofia Antiga, a tal ponto recuada no tempo que dela perdemos quase que completamente os referenciais. Um exemplo desse distanciamento é o da própria Língua Grega Clássica, da qual muitos vocábulos são, para o pesquisador contemporâneo, verdadeiros enigmas, já que se tornou impossível estabelecer uma correspondência exata entre o que eles teriam significado para os gregos e o modo de nós os interpretarmos hoje.

Não obstante esta dificuldade, é a respeito de Filosofia Antiga que me proponho fazer algumas reflexões, tentando estabelecer uma aproximação entre o que vivemos e o que nossos ancestrais dos primórdios da civilização ocidental teriam pensado. Estamos esquecidos de que o *hoje* não se explica por ele mesmo, mas sua origem está no *ontem*. Afinal, assim como somos herdeiros genéticos de um legado biológico, também mantemos conosco as sementes daquilo que a humanidade já foi em outros tempos.

Por meio de uma analogia muito elucidativa, Hegel, no *Prefácio à Fenomenologia do Espírito*, logo nos primeiros parágrafos, explica-nos o processo de formação do que ele denomina *Cultura*: uma semente, uma vez plantada e à qual são dadas condições favoráveis, germina e torna-se um arbusto, do qual procedem as flores, que permitirão o aparecimento dos frutos. Segundo ele, há duas atitudes possíveis diante desse fenômeno: a consciência imediata tende a considerar como fases *inessenciais* todas aquelas que não impliquem a realização de um objetivo proposto por ela mesma. Assim, para o agricultor, não importam nem a semente, nem o arbusto e nem a flor em si mesmos, pois sua expectativa está voltada para o fruto, o resultado final de seu trabalho, justamente aquele produto que ele irá comercializar. Por outro lado, há a atitude da consciência capaz de pensar *em conjunto*, que considera todas as fases do desenvolvimento da planta como igualmente essenciais, já que dependem umas das outras: não haveria fruto se não houvesse, lá no passado remoto da planta, uma semente capaz de germinar e transformar-se em arbusto, em flor e, finalmente, em fruto. Hegel vai ainda mais longe: aquela semente primordial,

tendo sido superada pelas fases posteriores, permanece no fruto que agora tomamos sob o nosso olhar; isto é, este fruto é a semente no seu *devir*, no seu *tornar-se outra coisa*.

Da mesma maneira, nossos antepassados, embora tenham sido superados, não estão simplesmente mortos, mas existem no íntimo de nosso ser atual, como partes integrantes da vida desse nosso ser efetivamente presente. Então, por que não somos mais capazes de sentir a presença desse nosso ser passado que perdura e não se perde? Talvez, certamente, porque, ao evoluirmos, e tendo evoluído e nos tornado sofisticados, nos distanciamos da simplicidade dos tempos originais. Infelizmente, cheios de preconceitos adquiridos em virtude da megalomania do homem que despreza o que lhe parece pueril, tendemos, muitas vezes, a ver apenas o que dá solução à nossa vida prática, afastando tudo o que parece supérfluo, em nome da eficiência. Com isto, voltamos à questão da inutilidade da filosofia ...

Atentemos um momento para algumas idéias desses nossos antepassados.

O *individualismo*, para nós tão natural, teria sido considerado pelos gregos, sobretudo os do período clássico, talvez, uma idéia eticamente inaceitável. A *pólis* não era, para eles, apenas uma circunscrição territorial, tal qual a entendemos hoje. Para eles, o cidadão se confundia com a cidade: só se é cidadão enquanto houver consciência de que a cidadania é uma extensão da cidade. O cidadão ateniense, para onde quer que fosse, levava consigo sua "*atenienseidade*" e, quando falava em nome de Atenas, era como se ela própria estivesse falando. Contudo, os gregos sabiam distinguir-se entre si: Heráclito e Parmênides, Sócrates e Protágoras não se confundiam, pois conheciam a *individualidade*.

Uma outra diferença que nos separa daquele povo genial é sua noção de *unidade*, que se estende por todo o universo, abarcando desde os seres mais ínfimos até os mais excelentes, sem excluir o homem. Diz-nos Burnet, no item VI e em outras partes da *Introdução ao Despertar da Filosofia Grega*, que, na concepção dos gregos, o homem ainda não se considerava essencialmente distinto de todos os demais seres do *kósmos*, pois estava submetido às mesmas leis que regem a totalidade do universo. Nos tempos homéricos, juntava-se a esta crença uma outra, a da inexorabilidade do *destino*. Tudo provinha do *kháos* elementar, a partir do qual se geraram tanto os seres de natureza divina, quanto os de natureza menos nobre, e os homens eram joguetes nas mãos de seus tutores extremamente poderosos. Homero ensinou os gregos a temer os deuses e aceitá-los tanto como bens quanto como males necessários e inevitáveis. Hesíodo contou-lhes o quanto é miserável a raça dos mortais, completamente impotentes diante da *necessidade (anágke)* universal. Além disso,

* Tema apresentado na Maratona Interdisciplinar "O que é produzir conhecimento", organizada pelas Faculdades de LACCE em 20/5/95. Recebido para publicação em junho/95.

** Coordenador do Regime de Iniciação Científica da USJT; professor da Depto de Filosofia e Ciências Sociais da USJT.

ainda citando Burnet, o mundo provocava no grego uma certa melancolia, porque nenhuma estabilidade havia no decurso de uma vida. Ora, um certo homem, tendo lutado a vida toda para conseguir adquirir uma propriedade, constituir uma família, gerar os descendentes que pudessem perpetuar seu nome e, conseqüentemente, sua memória, depois de atingir o que chamamos de realização, repentinamente, podia ver toda esta prosperidade desmoronar. Uma epidemia podia dizimar seus familiares, um cataclisma poderia fazê-lo perder todos os bens, deixando-o miserável. Diante dessa angústia do conseguido e que pode ser perdido e daquela angústia do desejado que pode nunca ser alcançado, começou a brotar na alma do homem a necessidade de encontrar algo que estivesse para além das vicissitudes da inconstância, algo que pudesse ser um esteio para a mente conturbada do sujeito que vive em um vórtice de representações enganadoras que não possuem consistência e nem são definitivas. Os gregos, de mente fertilíssima, perguntaram-se, então: "O que há de constante por detrás do mundo inconstante?".

Sua resposta foi pronunciada em apenas uma palavra: *phýsis*. Derivada do verbo *phýein* (brotar, fluir, jorrar, emergir, eclodir), *phýsis* (que traduzimos frequentemente por *natureza*) é *aquilo que brota, flui, jorra*; é aquilo que, no dizer de Heidegger, sai do ocultamente e se dá para ser conhecido, embora não seja evidente. *Phýsis* é o constitutivo (*material*, segundo Aristóteles) de todos os seres existentes, apreensível apenas por um esforço da razão. Tales de Mileto disse que esse princípio primordial de todas as coisas era a *água*, os Pitagóricos afirmavam que era o *número* e, posteriormente, Leucipo de Mileto e Demócrito de Abdera disseram que era o *átomo*. Heráclito de Éfeso, por sua vez, dizia ser a *phýsis* o *fogo*. A madeira, a água, o frio, os corpos celestes, a carne, os vegetais, os minerais, a alma e o próprio pensamento eram resultados de transformações sofridas pelo fogo, do qual tudo partia e ao qual tudo retornava. Estas são algumas das concepções da época.

Se, por um lado, os filósofos pré-socráticos tentavam encontrar a verdade subjacente e não aparente que persiste em todas as coisas, responsável por sua realidade, por outro, a maioria dos homens se encontrava completamente despreocupada com o conhecimento verdadeiro. Em outros termos, a massa vivia preocupada com suas ninharias, não prestando atenção à natureza oculta de todas as coisas. Esses homens ininteligentes eram incapazes de perceber que há um *lógos* do mundo, isto é, uma proporção, pois nada acontece aleatoriamente, mas segundo uma ordem, uma medida; o *lógos* é o *discurso do mundo*, que se pronuncia simplesmente ao existir e, portanto, manifesta-se como existente. Não é qualquer um que pode ouvir

esse discurso do mundo, mas somente aquele que, por meio de uma ascese, jura um compromisso de procurar descobrir a verdade, por mais inacessível que ela possa parecer. Este homem que, como diz Platão, no **Banquete**, não é sábio, uma vez que está em busca de conhecimento, mas que também não é ignorante, já que reconhece que não sabe e, por isso, procura saber, é o filósofo.

Conforme lemos no fragmento DK 123, de Heráclito, "*a natureza ama ocultar-se*". Eu ainda diria, imaginando seguir o pensamento de Heráclito: ela ama ocultar-se da maioria dos homens. A verdade fundamental de todas as coisas evita as considerações tortuosas dos ignorantes. Já que eles não sabem ouvir o discurso do mundo e, por conseguinte, não sabem falar de acordo com o que o mundo é na sua essência, então, é melhor que se calem. Desocultar a natureza nada é além de permitir à consciência que entre em sintonia com o universo para nele reconhecer a *harmonia*, a conexão necessária que há entre todos os seres. O homem, que não consegue perceber o universo como sendo uma totalidade dependente de cada uma de suas partes, e que também não percebe cada parte como possuidora de sentido somente em sua unidade com o todo, é, de fato, um vivo-morto, pois viver é *experenciar-se* como uno com o todo. Por causa disso, ouvimos dizer que, para esses filósofos antigos, o supremo conhecimento consistia em reconhecer que "*Tudo é um*".

Devemos reconhecer que haja, atualmente, várias tentativas para reencontrarmos essa unidade que ficou, de certa maneira, esquecida lá nos primórdios da civilização ocidental. A visão interdisciplinar que invade o meio acadêmico, o nosso próprio trabalho de, neste simpósio, tentarmos integrar-nos e inteirar-nos acerca de como se produz pesquisa científica, os movimentos ecológicos que desejam harmonizar o homem com a natureza são provas de que há uma preocupação com um retorno àquela unidade, a partir da consideração de que a cisão por nós herdada de uma tradição dualista necessita de revisão, pois não contribui com a vida, mas a impede de ser realizada em sua plenitude.

Desde sempre, o universo grita, querendo fazer com que sua voz seja ouvida, essa sua voz harmoniosa e unificadora. Heráclito esforçou-se para ouvi-la e afirmava tê-lo conseguido. Como sábio professor, deu lições a seus contemporâneos. Talvez ele não tivesse muita didática e, portanto, não conseguiu fazer-se compreender. Em virtude disto, segundo a tradição nos conta, desiludiu-se e afastou-se do convívio dos homens. Tomara que nós, ao compreendermos a excelência do que ele aprendeu de sua experiência com a verdadeira natureza do mundo, a *phýsis*, tenhamos mais sorte que ele e nos façamos compreender.

* * * * *

GONÇALVES, Ricardo. *A redescoberta da filosofia pré-socrática: unidade e pluralidade no mundo*.

In: **Integração Ensino↔Pesquisa↔Extensão**. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. ano II (5), 1996, pp.114-16.